

## UTOPIA/DISTOPIA

Maria Cecília de Moraes Pinto  
Universidade de São Paulo

Os números sempre exerceram intenso fascínio. Associados desde remotas eras à medida do tempo, foi-lhes muitas vezes atribuído um caráter sagrado. Alguns, que se repetem com frequência nos calendários antigos registram, por um lado, dados da observação empírica; por outro, denotam a crença em um valor privilegiado. Hernâni Donato explica-nos, entre outros, o número quatro, um exemplo como vários possíveis. Simbolizado geometricamente "pelo quadrado, é também o símbolo da perfeição e da continuidade, pois nunca está voltado para baixo e, de qualquer lado que seja visto, é sempre o mesmo. Tendo presente tudo isso, os *homens dividiram em quatro partes o dia e a noite*"(1976: 18).

Resquícius dessa maneira de ver e pensar ainda se fazem sentir surpreendentemente em um mundo governado pela tecnologia mais sofisticada. Uma aura de magia, por tênue que seja, envolve as séries de números iguais, os números primos, os que marcam dezenas, centenas completas, o número 1000, 2000...De certo modo, o receio ou a esperança, que precederam a chegada do ano 2000, ficaram também assinalados em contagens regressivas, como aquela que a torre Eiffel ostentou; na própria discussão acerca de uma data, afinal em nada diferente das demais e certamente imprecisa. Houve quem pensasse em "fim de mundo". Grupos mais fechados, esotéricos, falaram na mudança no zodíaco celeste da era de Peixes para a de Aquário. Seguindo a disposição dos astros, a Terra estaria abandonando um período de guerras e individualismo e entrando no milênio de tranqüila prosperidade a que alude o livro do *Apocalipse*, em seu capítulo XX, 1-6.

Muito significativamente, em 1998, Michel Houellebecq publica *Les particules élémentaires*. Sucesso de mídia e de livraria, o livro amarra o sonho milenarista a uma utopia científica.

A crítica conservadora vituperou contra a pornografia explícita de muitas páginas, a literária assinalou a debilidade estética do novo "best-seller". O autor seria uma espécie de "Céline do Mac Donald's", fabricado pela retórica da publicidade. Entre nós, o comentário de Leda Tenório da Mota foi cortante: "Afinal, a cadeia sem fim do desejo e a suspeita desconcertante de que consistimos numa fórmula, quer dizer, somos falados, não são novidades na boa literatura, que a sua apenas imita" (2000:8). Dupla contrafação, da ciência e da arte, nada sobrarria, pois, do romance que abalou a "rentrée" literária francesa há cerca de um ano e meio.

Alguns leitores de Houellebecq reagiram de modo diverso. Um jornalista de *Libération* (10/09/1998) confessou uma inquietação que o deixava pouco à vontade. Relacionando esse desconforto com as propostas do livro - a criação de um novo ser, de novas relações sociais e de novas perspectivas metafísicas - entra-se no campo da utopia, compreendida preliminarmente como categoria histórica e, no caso, obra "de ficção ou especulação filosófica" (Baldick, 1991), a que nuances milenaristas não são alheias. E a pergunta a ser feita quanto às características mais fundas do pensamento utópico, tal qual se apresenta em *Particules élémentaires*, conduz à reflexão acerca da realidade atual. Bom ou mal, monumento ou documento, o livro focaliza uma época, a nossa, em seus últimos cinquenta anos. O fato de ter motivado discussões, leituras contraditórias, é em si um sinal que pode justificar mais uma decodificação, melhor dizendo, outra leitura.

A narrativa reúne assim o ficcional e o real na história de dois irmãos, filhos da mesma mãe e de pais diferentes. Bruno, o mais velho, é um professor de letras. Tipo sofrido, tem graves problemas sexuais. Michel, por sua vez, apático sexualmente, incapaz de grandes emoções, é um cientista promissor. Apesar das insistentes referências aos Estados Unidos, o espaço em que se vai operar a grande transformação da humanidade localiza-se na Europa e, salvo o final, mais precisamente na França.

A forma de narrar é aparentemente clássica. O tempo do narrador, não abertamente indicado, vai ser, entretanto, intuído desde o prólogo que define o momento da ação enquanto última mutação metafísica. Sendo essas mutações "transformações radicais e globais da visão de mundo adotada pela maioria" (Houellebecq, 1998:10), dizer que a última vem depois do cristianismo e de um tempo materialista sinaliza um presente que não é mais aquele do leitor. Já nesse momento, considerando as posteriores citações de Augusto Comte e sua importância para o autor (Gaudemar, 19/11/1998), essa divisão ternária traz à memória a teoria dos três estados no positivismo: o teológico ou fictício; o metafísico ou abstrato, o científico ou positivo.

Paulatinamente o relato em 3ª pessoa alcança o tempo da enunciação, uns cinquenta anos depois de 2029 (Houellebecq, 1998: 392-3), quando o velho mundo está em vias de desaparecer. O distanciamento favorece a onisciência e a digressão moralista ou instrutiva à maneira de Balzac. Juízos de valor, lições de história e descobertas científicas vão entremeando o texto sempre empenhado em justificar. Às vezes, nos diálogos, o narrador passa a palavra a Michel que, na sua qualidade de cientista, também guia o leitor. Por sua fragilidade, os comentários de Bruno tendem a um registro crítico de menor intensidade. Outras vezes intervêm ainda como a de Christiane, amante de Bruno, ou a de Annabelle. São, contudo, passagens mais breves.

O epílogo, no dizer do autor a passagem mais discutida do romance e nem mais nem menos importante que "a parte teórica" (Gaudemar, 19/11/1998), fecha circularmente a narrativa e admite o ficcional. Seria impossível agora, observa o narrador, chegar à verdade dos fatos através de dados parciais, muitos dos quais hauridos em *Clifden Notes*, uma espécie de diário escrito por Michel, na Irlanda. Não obstante, essa reconstituição de uma época explica os rumos que tomará a humanidade no século XXI.

Sabe-se que um dos problemas a serem resolvidos pelo pensamento utópico consiste na oposição entre tendências individualistas e vida comunitária. O mundo que emerge com o Renascimento, será vincado pela consciência que o indivíduo, cada vez mais, tem de si mesmo. Daí um inevitável choque de interesses. Mesmo quando as diferenças econômicas estão relativamente aplainadas (Houellebecq insistirá nesse ponto), o desejo narcisista de superar o outro e o egoísmo engendram a competição, tornam difíceis, quase impossíveis laços sociais que não sejam os da violência e da exploração do outro.

*Les particules élémentaires* coloca como resolvido o problema das diferenças de classe e de povos. Não por acaso o espaço físico e social concentra-se na Europa onde o ideal de igualdade, se não plenamente alcançado, pelo menos, segundo o narrador, instalara-se no imaginário enquanto tendência de uma próspera vida econômica. Nesse quadro, os Estados Unidos constituem a nascente do bem-estar e, por conseguinte, das mazelas decorrentes. Percebe-se, pois, no romance, um ilhamento do Velho Continente. Os povos exóticos, no sentido etimológico da palavra, contam pouco. O que se passa não envolve realmente a humanidade, e sim sua camada pretensamente mais significativa e modelar. A imagem do clássico etnocentrismo europeu, que convive mal com a diversidade, emerge sobretudo na página de crítica ao Brasil.

Antes, porém, observe-se que o assumir tal perspectiva favorece o delineamento de um objetivo: mostrar o individualismo como matriz de todos os males. Por melhores que sejam as condições materiais de vida, ele não desaparece porque biológico, entranhado na constituição física do homem, semente de rivalidades, apenas exacerbadas pela filosofia materialista dos tempos modernos. É, pois, o individualista a besta do apocalipse em uma sociedade que se destrói no exato momento em que o progresso da ciência e da tecnologia oferecem possibilidades inéditas de felicidade. O monstro precisa ser, não apenas aprisionado por mil anos, como diz o evangelho de São João, mas eliminado em definitivo. A isso se propõem os cientistas. Michel os representa.

Dos cenários que os irmãos discutem entre si ou com outras pessoas, dois pelo menos mantêm ligação mais estreita com utopias do passado, uma desfeita, a segunda incompleta, assim como um autor, Aldous Huxley, reforçado filosoficamente por Augusto Comte e cientificamente por teorias da física e da biologia, situa-se no fulcro da solução encontrada para os grandes medos e infortúnios humanos. O fio condutor de *Particules élémentaires* estaria, pois, em três vetores que, na perspectiva aqui assumida, convergem para um ponto onde o intolerável força a necessidade.

Vetor primeiro é a crítica a uma visão encantada do Brasil.

A descoberta do Novo Mundo foi precedida e orientada, no que diz respeito ao conhecimento do outro, por representações recorrentes na Idade Média. Assim, os europeus vieram às Américas conhecer o que já conheciam nas lendas e no desejo: as origens configuradas em imagens do Paraíso perdido e do homem natural. Tais imagens mesclavam relatos pagãos às tradições cristãs, a Idade do Ouro à concepção de um espaço-raiz a ser recuperado. Síntese é a persistente imaginação de um Eldorado, verdadeira utopia em múltiplas versões cujos limites, em termos de ideais humanos, o *Candide*, de Voltaire, haveria de mostrar. Certamente a essa visão positiva, juntava-se outra negativa, a de monstros humanos, aqueles que, na expressão saborosa de Afonso Arinos de Melo Franco, "andavam vagando, dispersos pela fantasia européia em várias terras ignotas"(1976: 15). A realidade viria abalar tanto uma quanto outra projeção.

Tais contrastes, traduzidos, desde logo, pelas narrativas de viagem, favoreceram a auto-reflexão em uma civilização ainda imatura, a do Ocidente em inícios do século XVI. Sem ter verdadeiramente chegado a compreender os povos colonizados, o europeu aprofundou o que sabia de si, procurou uma lição de vida. Jean Servier comenta o impacto das descrições extasiadas dos navegantes no pensamento da época e na *Utopia* de Thomas More. Elas teriam levado à confiança na capacidade humana em estruturar socialmente as relações entre indivíduos. "Como o desenho de conjunto de um mosaico explica o lugar e a cor de cada um dos cubos de mármore" (Servier, 1991: 142)<sup>1</sup>, assim a integração reúne o singular ao coletivo.

Ora, a atração comumente exercida pelo Brasil desvenda, ainda hoje na Europa, um amálgama desses elementos que se metamorfosearam em outros mais modernos. Sob forma de calor tropical, cordialidade, sensualidade, ressurgem a paisagem incomparável, o homem primitivo. Bruno, contudo, subverte o quadro. Em diatribe, parte pensada, parte falada, denuncia a face detestável de um país povoado por fanáticos torcedores de futebol e cultores de corridas automobilísticas. Ao mito, opõe, na favela, as crianças assassinas, "as jovens prostitutas que morrem de aids aos treze anos" (1998: 166)<sup>2</sup>; nas praias, os traficantes riquíssimos e os rufiões. Nesse universo de pesadelo, pressionado por ignóbeis urgências, os turistas se protegem em carros blindados, enganando talvez a "melancolia do homem ocidental" (1998: 166)<sup>3</sup>. O sarcasmo não disfarça o distanciamento, nem a perda de parâmetros. Venceu o mau selvagem, o monstro; a natureza foi conspurcada. É a decadência das margens. A irritação de Bruno vem do lamento contra si mesmo, em plano mais distendido

contra um sonho que a realidade recusou. Sua companheira do momento bem o percebe: "Você deve ter sofrido muito..." (1998: 166)<sup>4</sup>.

A organização da narrativa, aqui como em relação à sociedade européia, exclui qualquer análise. O mal surge homogêneo, inteiriço, em um contexto cujos fundamentos nunca são explorados, a não ser em sua vertente individualista imediata. Cabe, porém, a implícita valorização do civilizado na ironia de um subtítulo a caracterizar o episódio: "Ritos primitivos na hora do aperitivo" (1998: 165). O original francês, "Rites primitifs à l'heure de l'apéritif", ao aproximar termos díspares, também acentua a depreciação do primeiro no recurso fônico da rima perfeita.

Deste lado do Atlântico, falecem o mito e a utopia do Eldorado correspondentes às ideologias vindas de fora e assimiladas na colonização; o ideal desfigurado aponta para o atraso, a miséria, a exploração. Houve um logro, diríamos um logro que enganou quem desejava ser enganado e agora sente-se lesado, depois de ter amplamente contribuído para o lamentável resultado. A América Latina continuará servindo de abrigo aos criminosos do hemisfério Norte. É o que acontece com David di Meola ao refugiar-se no Brasil (Houellebecq, 1998: 254). Repete-se uma velha história.

Reconstituir as origens demanda um esforço e esse esforço é fruto de conscientização, de trabalho, não é um dado. A experiência de grupos como o *New Age* situa-se nessa linha. É o segundo dos vetores que, no plano da utopia, devem ser considerados na ascensão para uma grande e definitiva mutação.

O *New Age* tem um caráter mais acentuadamente milenarista ou, adotando a nomenclatura de Szachi, tratar-se-ia de uma modalidade de utopia heróica cujo modelo remoto pode ser encontrado nos mosteiros da Idade Média (1972: 82-97). Se os princípios e objetivos específicos de uns e outros divergem, ambos vão centrar-se em um processo, um fazer, em resposta à situação que repudiam. Essa variante de utopia não pressupõe a obra escrita, o imaginário. Surgido nos Estados Unidos, o *New Age*, herdou os "temas fundadores" de Esalen e, junto com eles, a influência de Aldous Huxley (Houellebecq, 1998: 198). Ao contrário do paraíso tropical, de saldo pouco aproveitável, descontada a nostalgia de um abrigo contra carências de variados tipos, o *New Age* será visto como uma antecâmara para o salto em direção ao sempre. Apesar de seus equívocos, "constituía na verdade (nos diz o narrador) poderoso apelo a uma mudança de paradigma" (Houellebecq, 1998: 388)<sup>5</sup>.

Bernard Leclair em um curto artigo, publicado na *Quinzaine littéraire: L'an 2000*, assinala as marcas holísticas do movimento que procura reunir diversas práticas dentro de uma sabedoria planetária. O tecido de suas imbricações abrange "as religiões orientais, a prática ecológica, as psicoterapias mais diversas ou o esoterismo tradicional" (1998: 23)<sup>6</sup>. Seria malgrado a aparente singeleza, uma ideologia complexa, antimaterialista, antiindividualista. Seu relevo está expresso por um indicador significativo que, singularmente, traz-nos de volta ao assunto Brasil. Ou seja, Leclair julga que a influência *new age* pode ser avaliada a partir de "best-sellers" como *O alquimista*, de Paulo Coelho. O fascínio dessa obra corresponderia a uma espécie de rede protetora contra a sensação de desvario e desordem que submergiu o homem nas últimas décadas do século XX.

No propósito de apontar os vícios da época e a melhor saída para seus impasses, Houellebecq retomou muitos pontos da filosofia *New Age*, sobretudo na medida em que esta refletia a angústia de uma sociedade assombrada pela postura cética, hostil aos impulsos de espiritualidade.

Entretanto, o escritor assume uma posição nitidamente crítica quanto aos movimentos anteriores, beatniks, hippies. Christiane os odeia: neles vê o mal; deles, afirma que produziram o mal. Seus pais e a mãe de Bruno freqüentaram esse meio (1998: 251). É um

fio narrativo que conduz a David di Meola, pai de David. Em 1970, ele vem para a Europa, no refluxo do movimento hippie americano. Intui a sintonia entre os grupos jovens de um e outro continente, entre o pensamento hippie e os ideais de 68. O acampamento *Lieu de Changement* (Lugar, espaço de Mudança), a que se referem largas páginas do romance, foi criado nesse espírito<sup>7</sup>. Mas as doutrinas libertárias favorecem desvios perigosos que chegam aos estranhos, cruéis rituais satânicos onde se conjugam sexo e violência. Assim David di Meola, como tantos outros, confunde liberdade e libertinagem, indo tão longe a ponto de ser condenado pela justiça e procurar o degredo brasileiro. Fica muito claro nas descrições do *Lieu de Changement*, misto de colônia de férias e núcleo comunitário não permanente, que a recusa total ao individualismo está fora do alcance do homem. A desigualdade, vencidas as grandes discrepâncias econômicas, permanece no sexo onde oportunidades masculinas e femininas não se equivalem; na idade que as constantes transformações e a valorização do corpo denunciam mais vivamente do que no passado; na competição pelo prazer e a supremacia.

Novamente David di Meola personifica um aspecto negativo dessa juventude sem outra lei que não o culto de si mesma. Seu sonho, que também traduz o de sua geração, era tornar-se "rock star". Os "rock stars", os artistas que atingem a fama e, com ela, a popularidade ficam no topo da pirâmide social, mais ricos do que os grandes executivos e os banqueiros, "jovens, belos, célebres, desejados por todas as mulheres, invejados por todos os homens" (1998: 107)<sup>8</sup> e mais ainda conservando uma aura de rebeldia. O "rock star" encarna a plenitude do que se quer ser, chama a si o que todos almejam.

Se di Meola, apesar do dinheiro do pai, não realiza seus planos, estes desvelam, de qualquer modo, a natureza egoísta que mina pela base as tentativas de uma vida comunitária bem-sucedida.

Quanto ao sexo, parece haver na mentalidade predominante dentro do acampamento, uma vertente um tanto cínica, conquanto mais amena. Daí uma maneira de encará-lo no *Lieu de Changement*; "tratava-se também de provocar sinergias, encontros criativos, tudo dentro de um espírito humanista e republicano; tratava-se, enfim, segundo os termos de um de seus fundadores, de dar uma boa trepada" (1998: 122)<sup>9</sup>.

Na terceira parte do romance, ao se delinear os contornos da grande e última mudança, o sexo receberá condenação inapelável: "uma função inútil, perigosa e regressiva" (1998: 332)<sup>10</sup>. Inútil ou, na perspectiva do narrador, dispensável na era da clonagem; perigosa por favorecer o sadismo e a violência; regressiva por ser o contrário de um fator evolutivo, desde que encontrados os meios de aperfeiçoamento genético. Por ora, a convivência da sexualidade com o amor compreende o embate entre generosos, geralmente as mulheres, e egoístas, os homens. Assim, o esforço de Bruno para recuperar a afetividade recusada ou perdida na infância - inexistente de parte da mãe omissa; existente naquelas que fizeram as vezes da figura materna - esbarra nos limites impostos pela finitude. Diante da invalidez de Christiane, sente-se incapaz de enfrentar uma difícil vida a dois. A morte voluntária da mulher desarticula, sem remissão, seu equilíbrio emocional e mental. Bruno interna-se em uma clínica psiquiátrica.

Se o caso de Michel diferencia-se, nem por isso deixa de configurar uma derrota. Na verdade, ao obcecado sexual contrapõe-se o homem cortês, mas frio, desumano como diz o irmão. Michel sabe-se, e há muito, isolado dos demais: "Ele passaria pelas emoções humanas, às vezes chegaria muito perto; outros conheceriam a felicidade ou o desespero; nada disso jamais poderia realmente dizer-lhe respeito, nem atingi-lo" (Houellebecq, 1998: 109)<sup>11</sup>.

O amor que Annabelle lhe dedica encontra sua insensibilidade, seu constante distanciamento. Salvo talvez quando lhe dedica, diante de sua agonia, um comovido poema. Nele transparece, não a revolta perante o incompreensível, e sim uma resignada e infinda

melancolia gravada pela escrita da impotência a que o ser humano foi condenado. Em um desses raros picos literariamente elevados do romance, aflora um sentimento que não é novo, apenas renovável, porém forte na diversidade do lamento.

Nossos corpos estarão frios e apenas presentes  
Na relva, minha Annabela  
Será o nada do ser individual

Pouco teremos amado  
Sob a humana forma  
Talvez o sol, e a chuva na lápide sepulcral, o vento e a geada  
Ponham fim a nossas penas ( 1998: 355)<sup>12</sup>.

Ao separar o sexo do amor, um gerador de conflitos, o outro gesto de integração e paz, enfatiza-se o feminino, uma vez que na mulher concentra-se a real capacidade de amar, dedicar-se, entregar-se. São as duas avós, de Michel e Bruno, que substituem Janine, a mãe distante; são Christiane e Annabelle em sua generosidade. Quanto ao macho, vive do prazer, desligado dos filhos, infenso ao amor. Desejo sexual e competição - eis os objetivos de sua vida. Em um mundo regulado à antiga, era possível ao homem experimentar um sentimento afetivo, uma espécie de retribuição aos serviços que a mulher prestava cuidando da casa, tendo filhos para assegurar a continuidade do nome e do patrimônio, cozinhando, sendo amante. De todo modo, entre o homem e sua companheira, na estrutura arcaica do casamento acabava existindo um tipo qualquer de suportável familiaridade. Que nisso houvesse um mal-entendido, que surgisse certa dependência masculina e, provavelmente, uma insatisfação do lado feminino - não vinha ao caso. Ao se modificarem, porém, as relações econômicas e sociais, o casamento tornara-se obsoleto, o pai, pelo menos, perdera a razão de ser pai, o filho de ser filho. "Aceitar a ideologia da mudança contínua é aceitar que a vida de um homem seja estritamente reduzida a sua existência individual e que as gerações passadas e futuras não tenham mais sentido algum para ele" (Houellebecq, 1998: 210)<sup>13</sup>.

Jogo de desencontros, as relações humanas já não se encravam em solo firme. Só a mulher continua a viver a necessidade de doação, outro nome para o ato de amar alguém. Não por acaso retoma-se o "slogan" "Amanhã será feminino" (Houellebecq, 1998: 153 e 388)<sup>14</sup>. Direta ou indiretamente, está sempre em discussão uma função materna, expressão desse retorno à desejada harmonia original, à paz de uma pré-vida. A utopia percorre a narrativa, não apenas enquanto projeto, também como regressão que apaga a lei paterna, sem afastar, contudo, a do progresso e da cultura. O relato segue em direção ao esvaecimento das distinções e à preservação do que supostamente constitui apanágio da mulher: o gesto para o outro, a aceitação do bem comum. Mas o avanço só se torna viável graças às conquistas crescentes da ciência.

O terceiro vetor é o modelo de Huxley, na trilha brutalmente aberta para "o melhor dos mundos". Houellebecq, e isso já ficou assinalado, constrói a nova ordem social a partir de uma base filosófica e científica. Com o positivismo, compartilha, entre vários princípios, a religião laica, a ênfase no papel da mulher, a apologia conjunta da ordem e do progresso.

Do lado da ciência, são as teorias da mecânica quântica, da genética, da biofísica e outras, convergindo todas para a idéia da determinação de um novo ser, se é que o termo aqui caberia plenamente. Somos uma fórmula, não somos realmente o sujeito da vontade e da consciência que Descartes criou, mas que a ideologia da Modernidade - Houellebecq diria da idade materialista - usou para justificar suas trocas, diferenças e violência; enfim, um sujeito

cartesiano reduzido a máquina sem Deus. A máquina pode ser aproveitada de maneira diversa, ser reprogramada. Suprima-se tudo o que a emperra e, ao mesmo tempo, conceda-se-lhe o dom da imortalidade. Humildemente, porém, afaste-se o novo criador que, generoso, deixará no palco apenas sua criatura.

Em *Le meilleur des mondes*, título francês para *Brave new world*, português *Admirável mundo novo*, Huxley não irá tão longe. A morte se coloca no espectro mais amplo dos condicionamentos a que são submetidos os indivíduos. Alterações químicas "in vitro" - a gestação no útero já ultrapassada - e uma pedagogia de insistente repetição, drástica por vezes na infância, suavemente persuasiva na adolescência e idade adulta, delimitam em diversos graus a capacidade de iniciativa. Das castas superiores às inferiores cresce o nível de infantilização. Em todas, porém, subordinam-se as veleidades pessoais à ordem e aos interesses comuns. Cada um cumpre as tarefas pré-determinadas, aceita de bom grado as diferenças e obedece. Tanto mais que o indivíduo goza, ao longo da vida, da plenitude juvenil. Aos sessenta anos, o organismo entra rapidamente em processo de falência. Só o coração e o cérebro são atingidos, a aparência do corpo permanece quase intocada. Assim, condicionados à naturalidade do ritmo vital, sem o prejuízo da lenta degeneração, usufruindo do sexo e do bem-estar até o fim e na medida justa das desigualdades e necessidades de base - os seres humanos vencem o desejo na satisfação imediata. Chegam à morte sem velhice e, por assim dizer, preparados.

Michel e Bruno observam que a organização social no romance de Huxley, perfeita ao ver o futuro à luz da biologia, falha ao subestimar a força do individualismo e propor rígida compartimentação entre as funções das classes. Esqueciam-se por esse viés as rivalidades inerentes à prática sexual, não se previa a robotização (Houellebecq, 1998: 196). Na verdade, se seguirmos Jean Servier, o autor inglês mostra o impasse da sociedade industrial: ou o totalitarismo da vida estável ou a incerteza no rasteiro nível gregário de tribos primitivas, o caso da reserva indígena que desencadeia o conflito em *Brave new world*. Huxley, em prefácio *a posteriori*, avança a idéia de uma síntese entre civilização e barbárie. No fundo, porém, hesitaria quanto à saída factível (Servier, 1991: 315).

Para Houellebecq, a utopia (ou semi-utopia) do melhor dos mundos nem mesmo intuiu o universo erotico-publicitário. Nele, o desejo não se extingue o que, aliás, é a realidade de nossa constituição física e psicológica, mas potencializa-se. Toda uma cadeia de substituições visa a dar-lhe "proporções inauditas". Já apreendida poeticamente na modernidade do transitório, do fugidío, do contingente (Baudelaire, 1999: 518), a velocidade das transformações acelera-se, unindo liberdade sexual e retórica de consumo. Subliminarmente, incutem-se modelos que duram um dia, rejeitando-se amanhã o que hoje é consagrado.

As soluções aventadas em *Particules élémentaires* serão mais radicais. O mal, em sentido absoluto mais uma vez, reside no corpo humano. A ciência, porém, cria uma oportunidade de corrigir o erro. É o que se há de verificar ao serem postas em prática as teorias de Michel.

Esse novo mundo não precisa ser descrito. A imortalidade física tendo modificado a percepção do tempo e, com ela, a do espaço que afasta e divide os seres, faz desaparecer o animal ômega, o Ípsilon de Huxley, o Bruno de Houellebecq. Não se dirá mais como George Orwell que "todos os animais são iguais, mas alguns animais são mais iguais do que os outros" (1945: 114)<sup>15</sup>. Cessa naturalmente o debate sobre aborto, eutanásia, suicídio, no qual se sustentava, contra a manutenção da vida em qualquer circunstância, certa noção de dignidade humana implicando a exclusão da anormalidade, da decrepitude, do sofrimento intenso.

Entra-se pela clonagem e a intervenção na meiose. O futuro desgaste das células é suprimido e, por conseguinte, a morte. Em uma sociedade sem indivíduos do sexo masculino, agora dispensáveis, apagam-se os valores negativos da competição do narcisismo, da

individualidade. Elimina-se a prática sexual e o prazer dissemina-se por todo o corpo. A personalidade, entretanto, não se anula. Frédéric Hubczejak, executor das idéias de Michel, lembra, a propósito, o exemplo dos gêmeos univitelinos que vivem histórias individuais "malgrado um patrimônio genético rigorosamente idêntico" e uma fraternidade secreta, profunda, aquela justamente indispensável à concórdia universal (1998: 390). Entra-se, pois, em uma esfera onde efetivamente estão abolidas a morte e a História. Instauração do imóvel, do sem-fim, do encontro de um no outro, de todos em um. Cita-se Parmênides: "O ato do pensamento e o objeto do pensamento se confundem" (1998: 394)<sup>16</sup>.

O livro é dedicado ao homem em vias de total desaparecimento o primeiro ser vivo que planejou e enfrentou a própria extinção (1998: 394).

Referir-se simultaneamente, no caso de *Particules élémentaires*, a milenarismo e utopia, leva a reconhecer, em primeiro lugar, a ênfase do autor na crítica a um estado de catástrofe social. Não se trata de um agir como nos movimentos messiânicos, na reclusão monástica e mesmo nas experiências *new age*, e sim de um pensar-escrever enquanto ação. Em contrapartida, à maneira das utopias literárias ou não, quando se efetivam as drásticas mudanças no epílogo do romance, rompe-se de algum modo com a descrição-narração que precede. É no ritmo narrativo que ocorre a quebra, a separação, características do salto utópico para um lugar ou um tempo distantes. À longa revisão dos ideais da Modernidade substitui-se o relato conciso, elíptico. Como se houvesse pouco a acrescentar, como se o desfecho importasse menos, porque evidente. E ainda, como se, no lugar em que nada acontece, pois os conflitos silenciaram, devam perecer as narrativas.

A utopia de Houellebecq é um não-tempo, não-espço, um pesadelo que já assombrou histórias fantásticas de homens imortais e se insere insidiosamente na imaginação do crente quando tenta pensar na vida eterna. Ressalve-se, contudo, nessa hipótese, a convicção de que Deus saberá prover enquanto, pelas mãos de Houellebecq, adentramos sem mais a contra-utopia, não-utopia, distopia. Duplamente: distopia do mesmo infernal, distopia do fim da humanidade, desta humanidade que, bem ou mal, é a nossa. O único alívio para a dor e a injustiça será, então, desaparecer ou mergulhar na planura do igual.

O que perturba em *Particules élémentaires* e induz à prudência no julgar? Não há muita originalidade na utopia deste "best-seller", a não ser que suas premissas estão fincadas em tempo histórico no qual infelizmente nos reconhecemos. O lema subentendido de "ordem e progresso" remontando a Comte, passando por um Huxley relido, usando a tirania da ciência - indica também uma visão conservadora contra tudo e contra todos. Mas nisso subjaz algo de angustiante que se define mal. Talvez seja a impressão de que existe certa verossimilhança nessa visualização do futuro; talvez nos deprima o pensamento de ter o homem de renunciar a uma estreita margem de liberdade, aquela que supunha existir, para encarar, desfigurando-se, o mais feroz determinismo. No paradoxo que nos enforma, a grande tragédia consiste na perda do sentimento trágico se por ele entendermos nossa diferença e disposição de luta. Apesar de já conhecermos a fatalidade do desenlace, como viver sem ele? como sermos deuses se não passamos de criaturas, de seres finitos cuja fragilidade só o pensamento, a consciência, compensam? Pascal soube formular a questão em termos do caniço pensante. Por isso, Houellebecq o contesta, refutando a pequenez e o medo. Fica-nos a última escolha entre a miséria/grandeza do homem e o paraíso enfim programado, sem surpresas, onde uma outra espécie com muitas de nossas características, mas diferente de nós viverá para sempre. Um dos argumentos que, no romance, convenceu os homens do século XXI, nós o aceitaríamos?



Não existe *silêncio eterno dos espaços infinitos*, pois não há em verdade nem silêncio, nem espaço, nem vazio. O mundo que conhecemos, o mundo que criamos, o mundo humano é redondo, liso, homogêneo e cálido como um seio de mulher" ( Houellebecq, 1998: 387)<sup>17</sup>.

## Referências bibliográficas

- BALDICK, Cris. 1991. *The concise Oxford dictionary of literary terms*. Oxford/New York, Oxford New York Presse.
- BAUDELAIRE, Charles. 1999. *Écrits sur l'art*. Paris, Le Livre de Poche classique.
- Bíblia sagrada. Novo Testamento*, 1950, trad. e com. pe. Matos Soares. V.N. de Famalicão (Portugal), Grandes Oficinas Gráficas Minerva.
- COMTE, Auguste. 1995. *Discours sur l'esprit positif*. Paris, Librairie Philosophique J. Vrin.
- DESCARTES, René. 1973. *Discurso do método. Meditações. Objeções e...* São Paulo, Abril Cultural (col. Os pensadores).
- DONATO, Hernani. 1976. *História do calendário*. São Paulo, Melhoramentos/ EDUSP; Brasília, INL.
- FRANCO, Afonso Arinos de Melo. 1976. *O índio brasileiro e a Revolução francesa: as origens brasileiras da teoria da bondade natural*, 2ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio; Brasília, INL.
- GAUDEMAR, Antoine de. 19/11/1998. Entretien en forme de bilan avec l'auteur des *Particules élémentaires*. *Libération*, Internet.
- HOUELLEBECQ, Michel. 1997. *Rester vivant et autres textes*. Paris, Flammarion (A 1ª edição é de 1991).
1998. *Les particules élémentaires*. Paris, Flammarion. (No Brasil: 1999. *Partículas elementares*, trad Juremir Machado da Silva. São Paulo, Sulina).
- HUXLEY, Aldous. 1961. *Le meilleur des mondes*, trad. Jules Castier. Paris, Plon.
- LECLAIR, Bertrand. 1998. Le millénarisme New Age. *Quinzaine littéraire: L'an 2000*. Paris, 744: 23-4.
- Libération*. 10/09/1998. Revue de Houellebecq. Internet.
- MOTA, Leda Tenório da. 8/02/2000. Lógica do Sucesso. *Folha de São Paulo*. Caderno de Resenhas. São Paulo.
- ORWELL, George. 1977. *Animal farm*. Great Britain, Penguin Books with Martin Secker & Warburg.
- PASCAL. 1958. *Pensées*, introd. et notes Ch.-Marc des Granges. Paris, Garnier.
- SERVIER, Jean. 1991. *Histoire de l' utopie*, nouv. éd. Paris, Gallimard.
- SZACHI, Jerzy. 1972. *As utopias ou a felicidade imaginada*, trad. Rubem César Fernandes. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- VOLTAIRE. 1966. *Romans et contes*. Paris, Garnier-Flammarion.

---

<sup>1</sup> Em francês: "comme le dessin d'ensemble d'une mosaïque explique la place et la couleur de chacun des cubes de marbre."

<sup>2</sup> Em francês: "les petites putes qui meurent du sida à treize ans".

<sup>3</sup> Em francês: "la mélancolie de l'homme occidental".

<sup>4</sup> Em francês: "Tu as dû pas mal souffrir..."

<sup>5</sup> Em francês: "constituait en réalité un puissant appel à un changement de paradigme".

---

<sup>6</sup> Em francês: "les religions orientales, la pratique écologique, les psychotérapies les plus variées ou l'ésotérisme traditionnel".

<sup>7</sup> Segundo Houellebecq, em sua entrevista a Gaudemar (19/11/1998), o "camping" *Espace du possible* o processou e, pelos acordos feitos, desde a segunda edição, ele foi obrigado a mudar o nome para *Lieu de Changement*, localizando-o não em Royan, como inicialmente, mas em Cholet. Geograficamente, foi um contra-senso, porque Cholet não é beira-mar e o lugar continuou a ser assim descrito. O comentário salienta iniludível preocupação realista dentro de um contexto ficcional.

<sup>8</sup> Em francês: "Jeunes, beaux, célèbres, désirés par toutes les femmes et enviés par tous les hommes".

<sup>9</sup> Em francês: "il s'agissait aussi de provoquer des synergies, des rencontres créatives, le tout dans un esprit humaniste et républicain; il s'agissait, enfin, selon les termes d'un des fondateurs, de 'baiser un bon coup' ."

<sup>10</sup> Em francês: "une fonction inutile, dangereuse et regressive".

<sup>11</sup> Em francês: "Il traverserait les émotions humaines, parfois il en serait très proche; d'autres connaîtraient le bonheur ou le désespoir; rien de tout cela ne pourrait jamais exactement le concerner ni l'atteindre".

<sup>12</sup> Em francês: "Nos corps deviendront froids et simplement présents

Dans l'herbe, mon Annabelle

Ce sera le néant

De l'être individuel.

Nous aurons peu aimé

Sous nos formes humaines

Peut-être le soleil, et la pluie sur nos tombes, le vent et la gelée

Mettront fin à nos peines."

<sup>13</sup> Em francês: "Accepter l'idéologie du changement continuel c'est accepter que la vie d'un homme soit strictement réduite à son existence individuelle, et que les générations passées et futures n'aient plus aucune importance à ses yeux.

Há um interessante artigo de Houellebecq cujo título é bastante expressivo: "Para que servem os homens", em francês "A quoi servent les hommes?" (1997: 90-1).

<sup>14</sup> Em francês: "Demain sera féminin".

<sup>15</sup> Em inglês: "All animals are equal but some animals are more equal than others".

<sup>16</sup> Em francês: "L'acte de la pensée et l'objet de la pensée se confondent".

<sup>17</sup> Em francês: "Le silence éternel de ces espaces infinis m'effraie". Trata-se do fragmento 206 na edição consultada ( 1958: 131).